

CASA DA MÚSICA DO PORTO

OPORTUNIDADE PERDIDA OU DESASTRE ACÚSTICO?

artigo de A. P. Oliveira de Carvalho (Jornal de Notícias, 19.08.1999, pág. 16)

Como portuense e especialista em Acústica Arquitectónica (doutoramento pela Fac. Arq. da U. Florida e cerca de 15 anos de prática, investigação e ensino) tenho seguido com redobrada atenção todo o percurso da *CASA DA MÚSICA* (CM) em especial na sua vertente da acústica.

Assim e daquilo que conheço do projecto fico com fundadas suspeitas de que essa sala não vá ter a qualidade requerida para o fim a que se destina. Temo mesmo que a CM possa ser outra oportunidade perdida para o Porto ou até mesmo um "desastre acústico" face às grandes expectativas criadas.

Uma Sala não é só um espaço ou um local físico, é um outro "instrumento" musical presente em todos os espectáculos. É o maior entre eles e, por ser quase imutável, aquele que deve ser observado com mais atenção e cuidado.

Porém, todas as análises (pelo menos as mais mediáticas) da CM olharam para o edifício em termos da sua arquitectura e pareceram "esquecer-se" que não era isso que estaria fundamentalmente em causa. Pretendem-se excelentes salas para música e não mais um belo tema para postais ilustrados ou para lustrosos catálogos de arquitectura em bom papel *couché*.

Escreveram-se centenas de linhas a louvar a arquitectura do futuro edifício e a sua alegada beleza. E da Acústica? Não era esse o atributo por excelência para esse edifício? Ou pretendia-se um laboratório de arquitectura contemporânea? Ou mais uma obra de uma arquitectura anti-humanista que despreza a função?

Infelizmente, quase sempre os arquitectos e os promotores esquecem que o público irá comprar bilhete para *ouvir* os espectáculos e não para *ver* o edifício.

Comentou-se que os outros dois projectos preteridos em concurso eram esteticamente deficientes. Não sei se de facto o eram ou não mas talvez fossem acusticamente melhores. Pelo menos um deles apresentava uma grande credibilidade nesse aspecto pois tinha como consultores acústicos a firma americana *ARTEC* que é a responsável pelas melhores e mais bem conseguidas grandes salas de concerto mundial inauguradas nos últimos dez anos (por exemplo: *Dallas Concert Hall*, *Birmingham Symphony Hall* e *Lucerne Concert Hall* entre muitas outras grandes obras). Do consultor acústico que acompanha a equipa vencedora da CM não se conhecem intervenções significativas nesta área e não é um nome conhecido no meio.

Terão escolhido o "bonito" mas inútil face ao "feio" mas eficaz?

É pena que pareça ter prevalecido a opinião de arquitectos "surdos" à dos acústicos "cegos". E é pena pois os males destes últimos podem ser bem corrigidos por arquitectos criadores; os erros dos primeiros ficam sem resposta e eternizam-se na má qualidade acústica de uma sala.

Mas concretizemos:

Um dos maiores problemas é a grande área de vidro. O interior da sala principal com as grandes áreas de vidro para o exterior parece ter sido inspirada no recente filme francês "*O 5º Elemento*" de Luc Besson (1997) em que aparece uma sala com essa concepção.

Contudo, esqueceu-se talvez o arquitecto Koolhaas que essa sala virtual se situava no espaço e aí, não há ruído exterior. Além de que estávamos no século XXIII....

E, de facto são esses vidros uma das potenciais "deficiências acústicas" dessa sala face ao fim a que está destinada.

Como é que o ruído exterior na Rotunda e Avenida da Boavista não irá penetrar em todos os espectáculos e mesmo pelo seu local mais nocivo, o palco? Como se poderá evitar a entrada das baixas e médias frequências sabendo que o vidro se comporta pessimamente nessas gamas de frequências? Esqueceram-se que as frequências críticas do vidro estão bem dentro da gama do audível fazendo decair drasticamente o seu isolamento sonoro a sons aéreos?

E como é quase impossível usar vidros com mais de 6 x 6 m², terão de existir vários painéis de vidro em molduras específicas com as suas ressonâncias próprias a "intervir" em cada espectáculo. Serão frequências excitáveis quer do exterior pelo tráfego, quer do interior por alguns instrumentos no palco em situações pontuais. Corre-se pois o risco de poder ter a contribuição directa ou indirecta dos múltiplos painéis de vidro no campo sonoro instalado na sala.

E se hoje já temos salas onde o ruído esporádico é perturbador (casos por exemplo do Grande Auditório da Gulbenkian onde por vezes o ruído do bar se intromete no espectáculo ou do Rivoli onde a intrusão é do ruído de alguns autocarros a circular na Rua do Dr. Magalhães Lemos) para quê projectar a sala para uma dificuldade?

E a insolação na grande área desses vidros? Com uma orientação aproximada de sudeste, não protegida, como se evitarão de modo eficaz os ganhos solares gravemente penalizadores para o sistema de condicionamento termo-higrométrico? E as reflexões para o interior da sala e músicos?

E a concha de orquestra? Vai ser também de vidro para não perturbar a vista para o exterior? Ou quando exista vai obstruir o vidro para o exterior?

Ou será que esse grande pano envidraçado para o exterior vai estar sempre fechado durante todos os espectáculos? Porventura é essa a ideia. Mas, nesse caso, será mesmo necessário correr todos esses riscos "acústicos" e fazer aumentar drasticamente o orçamento para ter a imagem do exterior só visível durante alguns minutos antes ou depois de cada espectáculo? Seria uma medida de *show-off* despesista sem sentido ou justificação para as actuais condições sociais de Portugal.

Já no passado outros arquitectos esboçaram grandes salas para música com gigantescas áreas de vidro. Porém nunca essas salas se concretizaram devido ao parecer de competentes consultores acústicos ou ao bom senso de donos de obra. Estes não estão habitualmente dispostos a desperdiçar milhões de contos do seu dinheiro ou do dinheiro dos contribuintes.

Mas os problemas não se esgotam nos grandes vidros da sala.

As paredes laterais da sala apresentam também uma concepção um pouco deficiente em termos acústicos pois não permitem a formação de um adequado envolvimento e intimidade para os ouvintes. A sala irá "soar" de modo desagradável.

Há ainda sérias hipóteses de existir a criação quer de ecos repetidos (*flutter*) quer de zonas de ecos individualizados muito fortes.

Não estão também evidenciadas capacidades de alguma variabilidade acústica para a sala que lhe permita adequar-se a distintas exigências acústicas de obras de épocas e/ou autores distintos ou que apresentem particularidades especiais de reverberância, de claridade do discurso musical ou mesmo de balanço tonal.

O isolamento sonoro para a sala contígua (pequeno auditório) também não está clara e correctamente estabelecido. Isto poderá diminuir grandemente a hipótese de haver espectáculos em simultâneo nas duas salas não potenciando assim o desejável uso do complexo.

Em síntese, há evidências que este projecto agora aprovado pela *Porto 2001 S.A.*:

- não cumpre os limites orçamentais previamente estabelecidos;
- não cumpre com as exigências acústicas do programa da obra;
- não cumpre com os prazos requeridos para a sua execução;

mas, apesar de tudo,... foi o escolhido!

É o surrealismo português no seu melhor. Terá sido para ajudar a comemorar os seus 50 anos entre nós?

Por isso começo mesmo a questionar se o objectivo fulcral na ideia da construção desse edifício era o de dotar a cidade de um local para espectáculos musicais ou seria um outro.

Pretendia-se uma Casa para Música ou uma belíssima escultura gigante à escala supra-humana que funcionasse como um futuro *ex-libris* contemporâneo do Porto do século XXI? Se era isso, poder-se-ia conseguir o mesmo com menor custo mas com um outro tipo de concurso público. Outros eventos assumiram clara e frontalmente esse desiderato e construíram esculturas gigantescas (como o átomo de Bruxelas) ou faróis ciclópicos (como em Santo Domingo) ou até altas torres (como na Expo '98).

Perante as críticas ou dúvidas, alguns dirão:

- Depois corrige-se com materiais "acústicos", ou
- Depois a "aparelhagem" trata de tudo.

Mas não! Isso seria falsificar a sala. Se era para isso não seria preciso gastar 6 milhões de contos. Se era para fingir que o Porto tinha uma boa sala, fazia-se certamente com muito menos. Se queriam uma *Casa da Música* para depois a *travestir* com efeitos electrónicos ou digitais tipo *Dolby* ou *THX*, podiam usar qualquer um dos novos cinemas da *Warner Brothers* ou da *AMC* já entre nós.

Não, de certeza que não era esse o objectivo dos promotores. Por isso é preciso evitar que se tenha de cair nessas soluções de recurso.

Outros dirão ainda que os honorários faraónicos de quase 1,5 milhões de contos a pagar à equipa do arquitecto holandês permitirão pensar em todas as boas soluções. Engane-se quem assim pensa pois há erros básicos e estruturais que não são recuperáveis com milhões.

Por tudo o exposto, não estranharei se durante os próximos meses vir o projecto inicial ser alterado radicalmente. Talvez mudada a concepção interior do espaço ou até mesmo ver desaparecer os vidros interiores e esse "buraco acústico" para o exterior. Naturalmente e se isso acontecer, a própria concepção e resultado do concurso público seriam gravemente corrompidos.

Espero que no futuro, a *Casa da Música* seja de facto conhecida pela música de qualidade que proporciona e não como a *Casa do... Buraco Acústico*.

Prof. Doutor A. P. Oliveira de Carvalho
Doutor em Acústica Arquitectónica (U. Florida, EUA)
Professor e Director Lab. Acústica, Fac. Eng. U. Porto